

O PERCURSO DAS VERDADES VISCERAIS EM EMIL CIORAN

Jayme Mathias Netto¹

RESUMO: O percurso das verdades viscerais permite-nos identificar uma epistemologia fisiológica como método da filosofia de Emil Cioran. Pretendemos analisar a verdade, o método e as consequências de sua filosofia. Em uma linguagem mais apropriada ao autor: verdades viscerais, melancolia e insônia e a crítica em relação à sociedade, às relações humanas e à história. Faremos isto utilizando as obras *Breviário de Decomposição*, *Cumes do Desespero* e *Silogismos da Amargura*. Os problemas existenciais advindos da insônia, da preguiça e da melancolia são uma espécie de meios epistemológicos necessários à captura da real falta de sentido da história e do nosso tempo, que são expressos pelo autor por meio de aforismos enquanto sintomas.

PALAVRAS-CHAVE: Emil Cioran. Melancolia. Verdades viscerais. Insônia. Aforismos

THE COURSE OF THE VISCERAL TRUTHS IN EMIL CIORAN

ABSTRACT: The course of the visceral truths allows us to identify a physiological epistemology as a method of Emil Cioran's philosophy. We aim to analyze the truth, the method and the consequences of his philosophy. In a more appropriate language to the author: visceral truths, melancholy, insomnia and the critic in relation to society, to human relations and to history. We'll do this through the works *Breviary of Decomposition*, *On the Heights of Despair* and *Syllogisms of the Bitterness*. The existential problems of insomnia, laziness and melancholy are a kind of the epistemological ways

¹ Jayme Mathias Netto é doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em co-tutela de tese pela Université de Picardie Jules Verne (UPJV). Ele está construindo sua tese "A imanência da linguagem em Spinoza". O autor se interessa pelo estilo aforismático como expressão filosófica e artística. Estilo este utilizado no final de sua novela filosófica *Outrora: crônica de uns dias perdidos*.

necessaries to realize the real lack of sense in the history and in our time, that are expressed by the author through aphorisms while symptoms.

KEY WORDS: Emil Cioran. Melancholy. Visceral truths. Insomnia. Aphorisms

*Tantas páginas, tantos livros que foram,
para nós, fontes de emoção e que relemos
para estudar a qualidade dos advérbios ou
a propriedade dos adjetivos!*

Emil Cioran – Silogismos da Amargura

Tendo em mãos principalmente o *Breviário de Decomposição* (1949), porém apoiando-se em *Nos Cumes do Desespero* (1934) e *Silogismos da Amargura* (1952), pretende-se com esse trabalho fazer um recorte para compreensão do pensamento de Emil Michel Cioran (1911-1995), acerca da sintomatologia do mundo contemporâneo, sob o viés formador de seu pensamento. O autor utiliza-se da estilística aforismática para anunciar negativamente a falta de sentido da existência. Há uma espécie de desencantamento com a vida, com a filosofia e consigo mesmo. Estamos diante de um pensamento da extrema negatividade e anunciador dos sintomas de nossa época crepuscular.

Temos em Cioran uma espécie de epistemologia fisiológica com a qual se põe em questão o problema da verdade e se propõe uma nova forma da mesma. Procuramos, então, demonstrar esse percurso presente na órbita conceitual dos livros supracitados, qual seja: verdade, método e suas principais consequências. Traduzindo para a linguagem cioraniana: verdades viscerais, melancolia e insônia e a crítica em relação à sociedade, às relações humanas e à história.

Portanto, analisaremos primeiramente o estilo aforismático, adentrando na forma como o mesmo anuncia sua filosofia negativa e seus principais questionamentos existenciais incuráveis. Considerando que há verdades, mas não aquelas com “v” maiúsculo, típica dos fundadores de sistemas e moldadores da humanidade. Mas verdades existenciais, advindas das dores e do sangue e que, portanto, ganham seu espaço por anunciarem o mais íntimo da existência: a não existência, o vago e o nada. Em seguida, analisaremos o modo com o qual o pensador chega fisiologicamente a esse tipo de verdade, analisando principalmente a insônia e a melancolia como principais aspectos de seu pensamento. Posteriormente consideraremos a crítica radical à sociedade e à história como consequências desse modo de pensar.

O estilo aforismático

Emil Cioran é um pensador *em chamas*. Nesse sentido, nega cruamente a vida, a existência, a si próprio e, porque não, aqueles que ousam comentá-lo. No entanto, colocando os nossos próprios pensamentos em chamas, nos desafiamos, desconfiados da verdade, a recortar seu pensamento em nome de uma compreensão do mesmo. Iniciaremos pela compreensão de seu estilo.

À maneira dos moralistas franceses, ou mesmo pré-socrática de fazer filosofia, o pensador aqui tratado segue a forma aforismática ou o modo com o qual se desmascara a vida, o artifício que os homens criam para continuarem vivos, artificiais e procrastinadores do suicídio. Nesse sentido, o pensador tem como precursores, dentre muitos: Nietzsche, La Rochefoucauld, Pascal, Heráclito e Epicuro.

Há certa dificuldade ao tentar comentar uma obra que extirpa os comentários sistematizadores. No entanto, podemos delinear esse modo de fazer filosofia como sendo próprio daqueles os quais Cioran chama de *Pensadores Crepusculares*, ou, os que ascendem aos cumes do desespero existencial e veem o real incomensurável e inconcebível. Como nos indica Cioran:

O pensamento que se liberta de todo o preconceito se desagrega e imita a incoerência e a dispersão das coisas que quer aprender. Com ideias 'fluidas' podemos nos *espalhar* sobre a realidade, aderir a ela, mas não explicá-la. Assim, paga-se caro o 'sistema' que não se desejou.²

Os aforismos se justificam frente a um tempo como o nosso no qual "nossos axiomas só têm um valor de *notícias do dia*"³. Tendo como antípodas todos aqueles que querem ser fontes de acontecimentos históricos e moldadores do homem, esse estilo é, para usar uma expressão do Zarathustra nietzschiano, *advindo do próprio sangue*. Não cabe a essa forma de escrita explicar uma realidade sob um viés absoluto e sistemático, mas descrever essa que é por vezes contraditória. Cioran, desde *Nos Cumes do Desespero* utiliza-se dos aforismos. Livro sobre o qual declara que se não o houvesse escrito, com certeza teria posto fim às suas noites⁴.

Podemos ver como se justifica isso em entrevista a Sylvie Jadeau:

O fragmento, único gênero compatível com meu humor, é o orgulho de um instante transfigurado, com todas as contradições daí decorrentes. Uma obra de fôlego, submetida às

² CIORAN, 2011c, p. 32

³ CIORAN, 2011c, p. 28

⁴ CIORAN, 2011b, p.16. A escrita em Cioran é justificada pela necessidade criativa de inventar razões de existir: "O pessimista deve inventar cada dia novas razões de existir: é uma vítima do 'sentido' da vida." (CIORAN, 2011c, p. 18). Sua escrita não é uma questão de escolha, mas de necessidade para aqueles que "conheceram o medo *no meio* das palavras, esse medo de desmoronar com *todas as palavras*." (CIORAN, 2011c, p. 15)

exigências de uma construção, falseada pela obsessão de continuidade, é demasiado coerente para ser verdadeira.⁵

Podemos perceber que o que dá origem à estilística de Emil Cioran são sua própria vivência e o incomensurável que a pressupõe enquanto ser existente. O pensador não pretende explicá-la ou justificá-la, pois isso seria ainda um ato de fé nada compatível com seu ceticismo, mas fazer uma sintomatologia da existência com suas contradições inerentes e com sua falta de fundamento. Sendo assim, limita-se a descrever o vazio da existência.

O escriba tem como fonte de sua escrita um ceticismo peculiar:

É uma eterna interrogação, a recusa instintiva da certeza.(...) Pensa-se, em geral, que sou um apaixonado; sem dúvida, é verdade, num certo nível, mas o fundo permanece cético e é ele, essa aptidão a questionar toda evidência, que importa. Tem-se, inegavelmente, necessidade de certeza para agir. Basta uma pequena reflexão para arruinar esse assentimento espontâneo. Acabamos sempre por constatar que nada é sólido, que tudo é infundado.⁶

A dúvida cética certamente não é aquela mesma de Descartes, ou precisamente uma dúvida formal para uma certeza de mesma ordem, trata-se, sim, de uma dúvida para com a vida, visceral e fisiológica. "O ceticismo que não contribui para a ruína de nossa saúde é apenas um exercício intelectual"⁷. A dúvida eleva angustiadamente o pensador aos cumes do desespero. Cioran afirma: "O ato heróico da superação é primordial. Mas há quem não consiga superar a dúvida, afetado por uma inaptidão orgânica para a crença. É o meu caso. Sou um duvidador incurável."⁸.

Esse grau de afastamento da realidade se dá não somente nos riscos do pensamento duvidador, mas cruamente na maneira como o pensador entende a vida:

Há experiências às quais não podemos sobreviver. Experiências depois das quais sentimos que nada mais pode ter significado. Após termos alcançado os limites da vida, após termos vivido com exaspero todo o potencial desses perigosos confins, as ações e os gestos cotidianos perdem toda a graça e sedução. Se continuamos vivos, é graças à escrita, que, por meio da objetivação, ameniza essa tensão infinita. Criar significa salvar-se provisoriamente das garras da morte.⁹

Esse cunho existencial de sua escrita tem por base a necessidade criativa de cura indelével da vida. Mas também de desmascaramento de verdades latentes na sociedade, porém nunca postas em evidência. Nesse sentido, surgem, por meio daquela dúvida cética existencial, verdades viscerais. O autor explica: "respeito apenas as verdades vitais, orgânicas e espermáticas, pois sei que

⁵ CIORAN, 2001, p. 29

⁶ CIORAN, 2001, p. 23

⁷ CIORAN, 2011c, p. 56

⁸ CIORAN, 2001, p.24

⁹ CIORAN, 2011b, p. 21

não existe verdade, mas apenas verdades vivas, frutos de nossa inquietude.”¹⁰. São as verdades desse tipo que vão compondo o estilo aforismático de Cioran¹¹.

Vivemos em um tempo em que os sistemas filosóficos foram demolidos pela relatividade completa. Nesse nosso tempo, Cioran descreve: “Os parágrafos são substituídos por gritos: o resultado é uma filosofia *fundus animae*”¹². Somente em uma filosofia de aforismos é compatível com o tempo em que parece ser o seu ocaso: “qualquer aspiração arbitrária e fantástica é preferível às verdades inflexíveis.”¹³. No *Breviário de Decomposição* o autor cita as *verdades de temperamento* daqueles que sentem. São as verdades viscerais que fazem tremer o corpo, fruto do mal-estar, dos vícios e do sangue. Esses autores fazem suas angústias converterem-se em critério e na própria realidade.

Assim, Cioran insere a perspectiva aforismática como forma de ser vítima do sentido da vida e, portanto, obrigado a inventar e ser criativo para com as razões de existir. Essa perspectiva de seu estilo leva em conta o pensador de ocasião que não pensa porque quer, mas por acidente, pela vinda de um mal-estar ou de um delírio. Qualquer que seja, uma indigestão, afirma ele, é de fato mais rica em ideias que uma dedução conceitual. O autor explica como se dá esse processo: “Meu presente não desejado se desenvolve, *me* desenvolve; como não posso controlá-lo, limito-me a comentá-lo; escravo de meus pensamentos, brinco com eles, como um bufão da fatalidade”¹⁴.

Toda a estilística de Cioran vai de encontro àqueles pensadores sistemáticos e fiéis no ideal de moldar o homem. A eles deveriam nos restar apenas a pergunta: “quantas noites em claro esconde seu passado noturno?”¹⁵. Esses são os que pensam quando querem e que não dizem nada, justamente porque não são responsáveis por inteiro pelo que pensam, seu pensamento não é fisiologicamente determinado. A vida não produz neles sintomas. “Só os espíritos superficiais abordam ideias com delicadeza”¹⁶.

¹⁰ CIORAN, 2011b, p.105

¹¹ Nietzsche em *Humano, Demasiado Humano* também propõe determinado tipo de verdades, são as *verdades despreziosas*. As quais são aquelas que compõem, à maneira das *Máximas e Reflexões* de La Rochefoucauld, no caso de Nietzsche, a justificativa do estilo aforismático inaugurado por parte dele em tal obra. Para tanto, vide os aforismos *Estima das verdades despreziosas* (§3), *Vantagens da observação psicológica* (§35), *Objeção* (§36) e *Não obstante* (§37). Influenciado por La Rochefoucauld, tais aforismos propõem a justificativa nietzscheana do uso dos aforismos.

¹² CIORAN, 2011a, p.55

¹³ Idem

¹⁴ CIORAN, 2011a, p.128

¹⁵ CIORAN, 2011a, p.127

¹⁶ CIORAN, 2011c, p. 14

No estilo do aforismo, vida e filosofia não se separam. Longe de uma composição arbitrária, sua ordem de exposição é pensada cuidadosamente¹⁷. Se suas formas fragmentárias criam perspectivas, é justamente pelo fato de advirem de uma realidade múltipla e que não cessa de mostrar-se multifacetada. Tal estilo se faz, portanto, próprio de pensadores que analisam cuidadosamente as verdades humanas escondidas naquilo que menos parece. Desveladores, os aforismos compõem a sintomatologia de nosso tempo. Sendo assim, é necessário nos transportarmos diretamente às suas bases.

A melancolia como método: fisiologia e cosmologia

Temos assim, o estilo aforismático com suas verdades viscerais. Essas só são possíveis por meio da melancolia, que pressupõe sua fisiologia e sua cosmologia. Estamos diante de um método existencial na filosofia de Cioran. A questão que se põe aqui é de cunho epistemológico, a qual só pode ser visto sob o aspecto da melancolia. Essa última não é encarada como uma mera patologia da contemporaneidade agraciada pelas clínicas, mas o método para as verdades viscerais e, portanto, indispensável nesse procedimento.

Os sintomas da vida são muitos: tédio, angústia, desespero, acedia, tristeza, esgotamento e cansaço. A fisiologia por parte de Cioran rodeia uma forma de ser do homem, enquanto doente: "O espírito é fruto de uma doença da vida, assim como o homem não passa de um animal adoentado"¹⁸. Por meio desse aspecto fisiológico é que o homem tem um acesso subterrâneo ao cosmos vazio na melancolia. Nessa fisiologia da melancolia, a insônia tem um papel de fundamental importância. Ela não é meramente um distúrbio do sono, mas condição para a filosofia. Através dela estamos direcionados para a falta de essência da existência.

A insônia é aquilo que declaradamente fez o pensador sair de seu sonho dogmático para com a filosofia e ir em direção à lucidez, no exercício de insubmissão e de autodestruição. Houve um desencantamento daquele linguajar específico filosófico, admitido pelo autor: "Naquelas noites infernais eu passei a compreender a inutilidade da filosofia. As horas de vigília constituem, no fundo, uma rejeição contínua do pensamento pelo pensamento, (...) um ultimato infernal do espírito dirigido contra si próprio"¹⁹.

¹⁷ Nietzsche expressa isso de forma singular em *Humano, Demasiado Humano*, no aforismo *A crença na inspiração*: "Os artistas têm interesse em que se creia nas intuições repentinas, nas chamadas inspirações; como se a idéia da obra de arte, do poema, o pensamento fundamental de uma filosofia, caísse do céu como um raio de graça. (...) Todos os grandes foram grandes trabalhadores, incansáveis não apenas no inventar, mas também no rejeitar, remoldar e ordenar" (NIETZSCHE, 2005, p.111)

¹⁸ CIORAN, 2011b, p.62

¹⁹ CIORAN, 2011b, p.15

No *Breviário de Decomposição*, o pensador continua a escrever “um requisitório contra uma filosofia sem nenhuma eficácia nos momentos graves”²⁰. Ele admite que tal desencantamento foi adquirido pelos constantes estados de vigília: “(...) não há ideia que console na obscuridade, não há sistema que resista às vigílias. As análises da insônia desfazem certezas.”²¹.

A insônia passa a ser o requisito de uma postura filosófica, a qual provoca o desencantamento da vida de uma maneira geral. Isso porque o insone, segundo Cioran, passa a compreender a falta de essência da existência. A começar pelo próprio passar do tempo. Se aquele que consegue dormir todas as noites tem uma sensação de que o tempo é circular, ou que ele se renova a cada dormida, sua consciência passa a acreditar que o tempo se renova, promove novas esperanças. Ao passo que o insone sente que o tempo não passa. Essa consciência do tempo leva à percepção de seu vazio sem finalidade alguma: cada noite é uma eternidade.

Nesse estado, o homem é o único animal a quem ocorre o fato de querer adormecer e não conseguir, deitar-se, esquentar sua cama e não dormir. Isso leva ao desespero, tristeza eterna e irremediável. Quase que inevitavelmente só acessam os cumes do desespero e a desesperança para com a vida quem se relaciona intimamente mal com a cama. “É impossível amar a vida quando não se pode dormir”²².

Enquanto todos estão matando o tempo do relógio no passar das horas rápidas quando se dorme e curando suas dores, abandonando-as em seus sonhos profundos, a vigília ininterrupta faz-nos ruminar dúvidas sem respostas, portanto, dores indeléveis, e entrar em contato com o nada. O dia amanhece, tudo se torna claro em uma aparência de ciclo, mas o insone não o acompanha, não há nada de novo, nem esperanças para convencer-se, resta apenas o cansaço.

É por meio desse estado que Cioran escreve e faz filosofia, pronuncia em vigília verdades orgânicas de uma época crepuscular, ele admite: “Cansado de tal destruição, chegava a dizer-me: nenhuma hesitação mais: dormir ou morrer..., reconquistar o sono ou desaparecer...”²³. Marcado pelas noites e pelo cansaço, somos arrastados, segundo Cioran, para o desespero.

Esse estado fisiológico fundante do pensamento se apresenta cada vez mais distante e rumo aos cumes, até que transborda em direção aos espaços infinitos. Estamos diante de uma cosmologia da melancolia. A fisiologia em Cioran está intimamente ligada a essa visão cosmológica. Assim, o

²⁰ CIORAN, 2001, p.13

²¹ CIORAN, 2011a, p.208

²² CIORAN, 2011b, p.103

²³ CIORAN, 2011a, p.208

vazio exterior dos espaços infinitos está intrinsecamente relacionado ao sofrimento patológico de quem descobre também em si um vazio. O *veneno abstrato* põe em evidência um vazio cósmico que decorre de nossas vísceras e pressupõe uma cosmologia vaga que contemplamos para nada mais esperar da vida.

Ocorre aí um fenômeno ímpar explicado por Cioran. Afirma ele: "Existe uma correspondência íntima, em todos os estados profundos e grandiosos, entre o plano subjetivo e o plano objetivo."²⁴. O homem projeta no cosmos essa visão do nada e é projetado pelo mesmo no vazio. A melancolia exige um infinito exterior para dilatar-se em um vazio sem fronteiras. A intimidade do exterior com o interior é marca de um contato subterrâneo com o cosmo, sem o qual não conseguiríamos abandonar as ilusões da verdade. Temos assim uma melancolia como método de abnegação para com as verdades, rumo a um ceticismo incurável²⁵.

A melancolia passa a ter papel de extrema importância para a ascensão aos cumes do desespero. Nos cumes, é possível contemplar lá de cima os atarefados em adiar a morte certa e os incapazes de uma nova vida. Somos afastados do mundo, da individualização do cotidiano em direção à sensação de vagueza desse e ao nada. Estamos diante de uma visão totalizante, imaterial e universal. "Não há estado melancólico sem essa ascensão, sem expansão para os cumes, sem elevação para acima do mundo"²⁶.

Dentro dessa perspectiva ilimitada nos deparamos com nosso limite e abandono frente ao universo infinito que nos apavora, à maneira de Blaise Pascal. Esse estado facilmente poderia ser motivo de nosso desespero, mas, pela melancolia, temos um consolo estético. Trata-se de uma passividade contemplativa. "Nota essencial dos estados melancólicos é a *calma*, a ausência de uma intensidade especial"²⁷. Diante da beleza desse estado, os problemas perdem qualquer valor e assim não há menor sentido no frenesi cotidiano. Isto porque estamos diante de uma visão espacial do vazio interno e infinito externo.

Enquanto que a tristeza contenta-se com uma moldura de fortuna, a melancolia necessita de uma orgia de espaço, de uma paisagem infinita para nela espalhar sua graça desagradável e vaporosa, seu mal sem contornos que, por medo de curar-se, teme um limite à sua dissolução e às suas ondulações.²⁸

²⁴ CIORAN, 2011b, p.43

²⁵ Cioran nos *Silogismos da Amargura* afirma: "O ceticismo derrama demasiado tarde suas bênçãos sobre nós, sobre nossos rostos deteriorados pelas convicções, sobre nossos rostos de hienas com um ideal" (CIORAN, 2011c, p.95). De fato, a melancolia está intimamente ligada ao ceticismo de Cioran, também ela derrama sob nós uma graça, não aquela divina, mas própria daquela cosmologia subterrânea que a fomenta, como veremos em seguida. Cioran afirma: "Possuindo mais virtudes poéticas do que ativas, ela tem um quê de graça refreada, (...), graça que jamais encontramos na tristeza intensa e profunda" (CIORAN, 2011b, p.48)

²⁶ CIORAN, 2011b, p.45

²⁷ CIORAN, 2011b, p. 47

²⁸ CIORAN, 2011a, p.141

Há um consolo estético, no qual somente aquele transbordamento da realidade nessa dinâmica infinita é capaz de fomentar. Enquanto a melancolia segue em frente no espaço sideral sem fim, o melancólico produz em si mesmo um temor de perdê-la. Quase curado da vida por meio da melancolia, não quer abandoná-la. Ela convida a si mesma à contemplação do vazio da existência. É um estado de consolo ante a vagueza da vida. Como na figura de Albrecht Dürer em *Melancolia I*, não há nada que satisfaça ao nosso redor, só temos olhos para o além. O melancólico consegue sair do jogo do homem atarefado e ir em direção ao consolo supremo, onde nada mais é objeto de amor e de ódio a não ser ele próprio e o vazio cósmico. "Quem teme perder sua melancolia, quem tem medo de curar-se dela, com que alívio constata que seus temores são infundados, que ela é incurável"²⁹.

É nessa perspectiva que prevalece não só uma solidão individual, mas uma solidão cósmica. O estado melancólico, juntamente com o cansaço, desloca o homem do mundo, para que este diagnostique, trêmulo, a existência. Mas não somente isso, ele também sente a solidão do mundo diante do universo e do nada exterior. A melancolia, afirma Cioran, é fecunda ao saber, porém estéril à vida. Temos, portanto, uma paralisia frente à vida, porque já não esperamos dela mais nada, mas encontramos um viés completamente orgânico e fértil do saber, no qual se faz necessário manter-se na existência por meio da tristeza. A melancolia nos aparece, antídoto de si mesma, como uma solução estética do sofrimento da vida. Ela fomenta o distanciamento e, enquanto método, torna possível a sintomatologia do contemporâneo. Assim, a melancolia é um impulso positivo da vida oriundo do cansaço da mesma.

Desta forma, vemos como são possíveis as verdades que Cioran pronuncia por meio de seu estilo aforismático. Essas, de cunho visceral possuem embasamento na cosmologia e na fisiologia da melancolia, as quais pertencem a um método de apropriação daquelas verdades. Faz-se necessário agora extrair as suas consequências principais.

As verdades viscerais de um tempo crepuscular

Todas aquelas verdades com "v" maiúsculo são colocadas em descrédito, aquelas que ganham vozes altas pelos profetas do dia-a-dia. Aqueles que falam em nome de todos e que tentam mediar a vida de outros em nome da Verdade. "Só escapam a ela os céticos (ou os preguiçosos e os

²⁹ CIORAN, 2011c, p.103

estetas), porque não *propõem* nada, porque – verdadeiros benfeitores da humanidade – destroem os preconceitos e analisam os delírios.”³⁰.

Toda reflexão advinda daquele método da melancolia é uma denúncia de como os homens vivem o delírio cotidiano. Para começar, temos “uma propensão inconsciente a nos considerar o centro, a razão e o resultado do tempo”³¹. Esse autoengano é cruamente necessário porque “não poderíamos existir um instante sem enganar-nos: o profeta em cada um de nós é o grão de loucura que nos faz prosperar em nosso vazio”³². Os homens são mártires e estão em toda parte matando-se e matando os outros por uma certeza. E isso ocorre “no interior do círculo que encerra os seres em uma comunidade de interesses e de esperança”³³. O pensador³⁴ segundo Cioran é justamente aquele que sai do centro à periferia para contemplar de longe o rebuliço dos homens, os mártires do dia-a-dia.

Frente aos atarefados, os desocupados são mais profundos e captam muito mais coisas. “A preguiça é um ceticismo fisiológico, a dúvida da carne”³⁵. São os benfeitores do ócio que não pretendem reformar os homens com suas filosofias ou pedagogias:

O conhecimento não tem inimigo mais encarniçado do que o instinto educador, otimista e virulento, ao qual os filósofos não saberiam escapar: como permaneceriam imunes os seus sistemas? (...) À exceção dos cétricos antigos e dos moralistas franceses, seria difícil citar um só espírito cujas teorias, secreta ou implicitamente, não tendam a moldar o homem.(...) Ninguém encontrou um propósito válido na história; mas todo mundo propôs algum. ³⁶

Essas verdades que fazem de todo homem um profeta nato são justamente aquelas que com olhar cínico se espalham nas constelações aforismáticas do pensador. Temos assim uma filosofia do distanciamento que pensa a existência própria e a dos outros em sua falta de sentido e vaga. A vida é vista como um estado de não suicídio, a sociedade uma legião de mortos-vivos, procrastinadores da morte, “um inferno de salvadores”³⁷, repleta de mártires e a história um “desfile de falsos absolutos”³⁸.

³⁰ CIORAN, 2011a, p. 15

³¹ CIORAN, 2011a, p.17

³² CIORAN, 2011a, p.18

³³ CIORAN, 2011a, p.37

³⁴ Por vezes a afirmar que o pensador é um doente e o espírito uma doença, Cioran não cessa de acolher certa forma de pensamento para estar de acordo. Em *Breviário de Decomposição*, aforismo *Filosofia e Prostituição*, ele afirma: “O filósofo, desiludido dos sistemas e das superstições, mas ainda perseverante nos caminhos do mundo, deveria imitar o pirronismo de *trottoir* que exhibe a criatura menos dogmática: a prostituta. (...) Não ter convicções a respeito dos homens e de si mesmo: tal é o elevado ensinamento da prostituição, academia ambulante de lucidez, à margem da sociedade como a filosofia”. (CIORAN, 2011a, p.108)

³⁵ CIORAN, 2011a, p.38

³⁶ CIORAN, 2011a, p. 42

³⁷ CIORAN, 2011a, p.15

³⁸ CIORAN, 2011a, p.13

Em todos nós dorme um profeta “e, quando ele acorda, há um pouco mais de mal no mundo”³⁹. A vida em comum é encarada como um inferno, porque todos querem guiar uns aos outros com suas opiniões e formas de conceber a realidade mal-fundada. “Encontramos alguém, vemo-lo mergulhado em um mundo impenetrável e injustificável, em uma porção de convicções e desejos que se superpõem à realidade como um edifício mórbido.”⁴⁰.

Tudo que é humano enoja: é de impressionar o fato de existir relações humanas. Sofremos em cada palavra anunciada, não temos tempo para nossos próprios segredos, preferimos nos trair e exibir vulgarmente nosso coração, somos incapazes de encerrarmos em nós mesmos as nossas efervescências. “E se encontramos os outros, é para aviltar-nos juntos em uma fuga para o vazio(...)”⁴¹. Diante disso, estamos em constante estado de queda diária.

O homem é o tagarela do universo, para quem a vida não passa de prostituição das solidões férteis da alma pelo diálogo inútil das relações. Nós falamos com os outros em nome dos outros, outras ideias. “Cada vez que nos afastamos de qualquer uma delas, a pergunta que vem ao espírito é invariavelmente a mesma: como é que não se mata?”⁴². Temos, de fato, a resposta: o nada é a força superior que prolonga a vida nesse estado incessante de não suicídio, insistimos na coalizão contra a morte e nos ocupamos inconscientemente com ideais que herdamos da história.

Os homens, não suportando a si mesmos nem aos outros nas relações, se transformariam em zumbis se deixassem de lado o suor no rosto do trabalho ou se todos os dias fossem tardes dominicais, seria o próprio apocalipse⁴³. “*O universo transformado em tarde de domingo...* é a definição do tédio – e o fim do universo... Retire a maldição suspensa sobre a História e esta desaparece imediatamente, assim como a existência, na vacância absoluta, revela sua ficção”⁴⁴.

Mas o homem é incapaz de pôr fim a tudo, apesar de profeta nato sempre a sondar o pior, o fim da história e do homem “(...) são acontecimentos longínquos que a Ansiedade – ávida de desastres *iminentes* – deseja a todo custo precipitar.”⁴⁵. O homem não consegue nem pôr fim a si próprio, muito menos à história. Nela, reina o seu motor principal: uma maldição da necessidade de triunfo.

³⁹ CIORAN, 2011a, p.17

⁴⁰ CIORAN, 2011a, p.32

⁴¹ CIORAN, 2011a, p.31

⁴² CIORAN, 2011a, p.33

⁴³ Em *Silogismos da Amargura*, Cioran afirma que “As sociedades se consolidam no perigo e se atrofiam na neutralidade. Onde reinam a paz, a higiene e o conforto, as psicoses se multiplicam”. (CIORAN, 2011c, p.94)

⁴⁴ CIORAN, 2011a, p.38

⁴⁵ CIORAN, 2011c, p.99

Essa maldição que move a história é feita por ideais absolutos e personagens conquistadores, que incitam gerações futuras a gloriarem os carrascos das precedentes. A glória dos conquistadores é o triunfo de um só e a derrota de todos. "História universal: história do mal. (...). Se você não contribuiu para uma catástrofe, desaparecerá sem deixar vestígios"⁴⁶. Não seria isso muito melhor? Isso não é uma escolha, pois quem ousa experimentar a liberdade, morre de fome. "A sociedade só os tolera se são sucessivamente servis e despóticos."⁴⁷. Estamos a todo momento buscando a glória, a qual vem junto com a desgraça que espalhamos à nossa volta, mas nem sequer nos damos conta disso. A história nos provoca essa ilusão, grande ilusionista do tempo. Os conquistadores são criminosos que tiveram êxito.

Mas consolemo-nos: nossos descendentes próximos ou longínquos nos vingarão. Pois não é difícil imaginar o momento em que os homens se degolarão uns aos outros por nojo de si mesmos, em que o Tédio vencerá a resistência de seus preconceitos e de suas reticências, em que sairão à rua para saciar sua sede de sangue e em que o sonho destruidor prolongado através de tantas gerações chegará a ser patrimônio comum...⁴⁸

A glória reina e faz história, tendemos inconscientemente a ela como ao fato de quereremos deixar nossa marca no mundo, sermos fontes de acontecimentos. Basta-nos olhar para os movimentos da história, vemos ideias para nos agarrarmos e pessoas para sacrificarmos. A história é a história de nossas mais profundas ficções e ilusionismos⁴⁹, as quais tem por base a dinâmica das vítimas: "Os tiranos, uma vez saciada a sua ferocidade, tornam-se inofensivos; tudo voltaria ao normal se os escravos, ciumentos, não pretendessem também saciar a sua. A aspiração do cordeiro a converter-se em lobo suscita a maioria dos acontecimentos."⁵⁰.

Temos a ânsia constante de primar. Desde nossas mais íntimas relações: "O mais modesto encontrará sempre um amigo ou uma companheira para realizar seu sonho de autoridade"⁵¹. Essa ânsia faz com que a história se renove continuamente. Se renunciarmos isso, não temos para onde ir. A nós, pensadores, conscientes disso, só resta a triste dor de aceitar: "No final das contas, continua-se a ser como todo mundo, fingindo atarefar-se; resigna-se a tal extremo graças aos recursos do artifício, entendendo que é menos ridículo simular a vida que vivê-la"⁵². O que fazer senão ter a melancolia como consolo do vazio que nos resta?

⁴⁶ CIORAN, 2011a, p. 137

⁴⁷ CIORAN, 2011a, p. 142

⁴⁸ CIORAN, 2011a, p.137

⁴⁹ Em *Silogismos da Amargura*, Cioran anuncia: "Admiro esses povos de astrônomos: caldeus, assírios, pré-colombianos, que, por causa de seu gosto pelo céu, fracassaram na história"(CIORAN, 2011c, p.93). Percebemos aí uma ligação direta com a melancolia e o distanciamento de tais povos afastados da história, bem como os ciganos, os quais "(...) Triunfaram do mundo por sua vontade de não fundar nada nele"(CIORAN, 2011c, p. 93).

⁵⁰ CIORAN, 2011c, p.94

⁵¹ CIORAN, 2011a, p.141

⁵² CIORAN, 2011a, p.142

Considerações Finais

“Quem não sofre por causa do conhecimento, nada terá conhecido”⁵³. O sofrimento e o conhecimento estão intimamente relacionados no pensamento de Emil Cioran. Se o que reina na história e nas relações humanas é um nada, o pensador é aquele que por meio de uma solidão cósmica consegue perceber o quão vago é o humano e tudo o que faz. Diante dos aforismos cioranianos estamos corroídos de tantas contradições pertencentes à vida que paralisamos na margem do nada. Estáticos, não podemos esperar muito da vida, pois somos atacados visceralmente por uma filosofia que não deixa esperança alguma.

Aos doentes do espírito que acessam o cosmo subterrâneo, só restam o consolo melancólico do sofrimento e, tal qual afirma Cioran, mudar de desespero como quem muda de camisa ou agarrar-se aos desgostos como a uma tábua de salvação. Porque no fundo são eles que nos incitam a não mais esperar nada da vida e a sermos cada vez menos humanos⁵⁴.

As filosofias geralmente nos põem uma verdade e evidenciam o método pelo qual essa verdade está sendo posta. Resta sempre a nós, leitores, uma esperança figurada de que podemos estremecer, tal qual fizeram aqueles autores, ou apreender intuições daquela verdade. Emil Cioran havia sentido isso com Nietzsche⁵⁵. Não obstante toda uma crítica à postura de verdades absolutas, Cioran coloca um tipo de verdade específica vista nesse trabalho, qual seja: aquela que compõe seus aforismos de maneira incisiva e visceral. Não havendo a verdade absoluta imposta, retira-se também aquela esperança e resta um vazio, o qual apenas incita a sermos distantes. As verdades viscerais nos convidam a esse distanciamento, instalam no pensamento um método rigoroso para sua apreensão e, por fim, confirmam em si mesmas as ficções do espírito humano e de seus afazeres.

De fato, estamos diante de um tempo crepuscular em que a única certeza é que tudo se relativiza e pouco são os filósofos que nos prestam ajuda. Temos as verdades viscerais que advêm de uma nova forma de entender a vida, verdades que nos fazem tremer. É provocada em nós a sede para acreditarmos em nossas intuições, em nossos afetos e sensações trêmulas, fugindo da racionalidade e buscando abandonar as ilusões, rumo às margens da filosofia, transformando-nos em seus *heróis negativos*. A melancolia é o seu método de bases fisiológica, cosmológica e historiológica. Ver tudo a distância e suspender nosso juízo até os cumes do desespero não é uma

⁵³ CIORAN, 2011b, p.151

⁵⁴ Cioran admite em *Silogismos da Amargura*: “Até onde me lembro, não fiz outra coisa senão destruir em mim o orgulho de ser homem”(CIORAN, 2011c, p.27).

⁵⁵ Cf. *Silogismos da Amargura* p.34 – p.35.

questão de escolha típica do ceticismo formal (não há escolha para quem escreve em aforismos), mas da necessidade de um tempo que nos arrasta com velocidade, sem “por que” nem “para que”. E com a memória e a imaginação difusas finalmente dormimos e acordamos, vemos a vida como um novo ciclo, novas esperanças, ilusões, somos humanos, continuamos a viver e “(...) fugimos das lágrimas, uma das quais apenas bastaria para afastar-nos do tempo”⁵⁶.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. *Melancolia e Contemporaneidade*. In Cadernos Espinosanos – Estudos sobre o Século XVII. São Paulo: Ed. USP, 2008.

CIORAN, Emil. *Breviário de Decomposição*. Tradução de Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco. 2011a.

_____. *Nos Cumes do Desespero*. Tradução de Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2011b.

_____. *Silogismos da Amargura*. Tradução de Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco. 2011c.

_____. *Cioran - Entrevistas com Sylvie Jaudeau*. Tradução Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LA ROCHEFOUCAULD, François. *Máximas e reflexões*. Tradução de Leda Tenório da Mota. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

NETO, Henrique Duarte. *A ontologia negativa de Cioran*. Disponível em: <http://emcioranbr.wordpress.com/artigos/>> Acesso em: 19/12/2012

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

PECORARO, Rossano. *A filosofia negativa de Cioran*. Disponível em: <http://emcioranbr.wordpress.com/artigos/>> Acesso em: 19/12/2012

PIVA, Paulo Jonas. *Fisiologia e filosofia em Emil Cioran*. Disponível em: <http://emcioranbr.wordpress.com/artigos/>> Acesso em: 19/12/2012

_____. *Fracasso e Suicídio em Emil Cioran*. Disponível em: <http://emcioranbr.wordpress.com/artigos/>> Acesso em: 19/12/2012

_____. *Odium fati: Emil Cioran, a hiena pessimista*. Disponível em: <http://emcioranbr.wordpress.com/artigos/>> Acesso em: 19/12/2012

REYDSON, Deyve. *Metafísica do sofrimento do mundo: o pensamento filosófico pessimista*. João Pessoa: Idéia, 2009. p. 153 – 165.

⁵⁶ CIORAN, 2011a, p.26